

África

A bem-aventurada paciência deste Povo

VIR a Luanda não tem problema. Apenas três quartos de hora de atraso na partida e consequentes na chegada; uma longa demora na visa dos passaportes... — e pronto: cá estamos. E agora?... Agora o nosso destino é Malanje. Agora, fia mais fino!

Contava com Padre Telmo à minha espera, mas desde o princípio da semana ele acampou no aeroporto, de lá, a aguardar boleia... e nada! Só ontem, domingo, à noite, ele apareceu aí, trazido por um helicóptero pejado de pessoas e de carga. Vai ir até Lisboa e também tal não tem problema. Difícil é ter de carregar em um só dia um camião de coisas que contava ir juntando durante uma semana; e de fazer-me voar até Malanje.

Nestes dias tenho procurado convencer-me:

— Ainda este ano não tiveste férias... Aproveita...

— Também não fizeste Retiro... Faz...

Mas nem de uma coisa nem da outra é capaz este pobre cidadão de um mundo apressado e constantemente ocupado com os seus progressos sobre a distância e sobre o tempo. Tenho rezado, sim. Tenho pedido a Deus a bem-aventurada paciência deste Povo, para quem o tempo parece nem contar... nem o sofrimento.

E nisto, é verdade, encontro matéria para Retiro. Não falta sobre que reflectir nem premissas para propósitos de uma adesão mais abraçada a um valor em que profundamente acredito: a compaixão. Não aquela compaixãozinha piegas, de puxa-a-lágrima, do «ai coitadinhos! Nem fale nisso que me arrepio». Mas da compaixão-estado, decisão assumida, alavanca em que se crê e se espera «para levantar o mundo decaído», tal «a humilhação do Vosso Filho, ó Deus de bondade infinita», como reza a oração do Domingo XIV do Tempo Comum.

Compadece-se aquele que se dispõe a sofrer com quem sofre (que não exclui o rir com quem ri!), não transitoriamente, mas como quem encontrou e vai beber da fonte do dinamismo da salvação: a solidariedade

de Cristo com os homens que Ele consumou na Cruz.

A Igreja, seja onde for, tem de estar em compaixão relativamente ao Povo que a constitui. Ou estará despistada da Justiça do Reino que lhe compete instaurar... Quando acontece, como aqui, que Ela (nós!) tem tanto a aprender da capacidade de sofrimento do Povo que é a sua

paciência, é bem que aprenda. Mas não tal qual a do Povo, que paciência não é passividade!

Toda a virtude é força e princípio de acção. Assim terá de ser a compaixão autêntica: reactiva a qualquer tentação de fatalismo; activa antes que se atinjam níveis de prostração irreversível ou de compressão tamanha que desemboque em explosão; certa de que todo o masoquismo é atentado à Humanidade porquanto Deus criou o Homem feliz e, Pai que é, regala-Se de o ver feliz. Se o sofrimento vem de ferida que o Homem fez, os homens que a curem! Deus põe os remédios e deixa aos homens aplicá-los.

Eis a missão de Mãe e Mestra que é a Igreja. Sofrer com os que sofrem é estímulo precioso, indispensável, para que a Mãe se dê imediata-

Continua na página 4



Casa do Gaiato de Malanje — Angola.

Bombas

26/6/99

ONTEM as bombas mataram vinte pessoas... Povo simples que no mercado vendia ou comprava.

Hoje, as quitadeiras refugiaram-se debaixo das placas dos prédios que os portugueses não concluíram. Habitados aos tiros e à morte, as pessoas, indiferentes, caminham pelas ruas no vai-vem dos seus afazeres. Subsistência é imperativo que nos comanda. Agora, uma bomba pode cair neste momento e nesta rua... Ninguém pensa.

Estamos orgulhados na água como tendo guelras.

4/7/99

A máquina da guerra é medonha!

FOI uma lavra de batata doce. Todos os dias vão pessoas e cavam com uma enxada ou com as próprias mãos na esperança dalguma que ficou...! Impressiona e causa angústia.

Gente faminta que se vai alimentando com a esperança numa simples raiz ou rato que fugiu à queimada.

A máquina da guerra é medonha e abate-se, impiedosamente, sobre o Povo!

9/7/99

Aeroporto de Luanda

HÁ cinco dias que esperamos, no aeroporto, uma boleia para Luanda. O céu límpido nada mostra nem transmite qualquer som... Uma prisão sem muros.

Malanje

O edifício já foi bonito. Hoje, está escalavrado e com arame farpado nas janelas e lugar dos vidros. Este Povo espera e joga tudo numa viagem para Luanda. Deitados nos bancos, deitados no chão, ao almoço, um pão com abacate e felizes se tall, alguns, nem.

Não se vê um projecto definido a favor do Povo, salvo a partir do PAM e da Caritas, dezenas de cozinhas onde milhares de crianças comem a papa. Não caíram os edifícios nem cessa o som dos passos nas ruas da cidade... Sim, e por terra, todas as estruturas que deviam guiar e amparar este Povo sem rumo.

10/7/99

Arbusto-símbolo do Povo sofredor

REFERI-ME, aqui, ao arbusto que cresceu num recanto e encontrando uma placa esborrachou a polpa. Símbolo deste Povo sofredor e a quem a placa da guerra tirou a liberdade e amarrotou.

Passei, hoje, pelo nosso arbusto... Uma mão caridosa cortou-o pelo meio e ele, cheio de brilhos e vigor, deitou novos rebentos! Está viçoso!

Imagem viva deste Povo amarrotado, que (como a Hidra) renasce das suas próprias cinzas.

Padre Telmo



Dies natalis

É o dia da passagem dos Santos para a Vida Eterna. Assenta bem a Pai Américo, cujo processo de Canonização segue os seus trâmites, em Roma, na Congregação para a Causa dos Santos.

Não sabemos se, a dita, será para o nosso tempo, mas a eternidade não se mede pelas contas dos homens.

Pai Américo foi um Homem de fé viva e actuante. Testemunhava-a carismáticamente, sem pingos de cera, empolgando auditórios — o Povo de Deus — porque enamorado de Cristo, enamorado dos Pobres. E o Espírito Santo dava-lhe a Palavra adequada a cada momento, escutada na Escritura, ainda que tivesse de pôr os seus punhos de renda... Em um ou outro comentário pessoal, muito discreto, exclamava: — *Fui eu que disse isto?* — Foi o Verbo na sua boca.

O 16 de Julho é sempre lembrado em nossas Casas e, também, com antecedência, pelos Leitores d'O GAIATO referindo intenções e factos da vida e Obra de Pai Américo.

Por graça de Deus nós conhecemos a sua

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

A DOENTE — A propósito da referida na edição de 3 de Julho, chegaram dados sobre a tuberculose, ainda não erradicada do País, à qual são atribuídos agora quarenta e seis óbitos por cada cem mil portugueses, números que aumentam, de forma «muito preocupante», em Lisboa e no Porto com valores superiores a sessenta falecimentos.

No entender dos técnicos, em ambas as cidades estão concentrados mais de metade dos pacientes. Apesar de nos últimos cem anos, muito ter sido feito, nomeadamente através da Assistência Nacional aos Tuberculosos, criada há um século.

Um quadro superior da ANT acentua que a assistência «teve uma importância excepcional no sentido de congregar meios humanos e materiais para o combate ao flagelo. Curiosamente, algumas das medidas preconizadas há um século continuam actuais!» Por exemplo: os Centros de diagnóstico precoce (antigos Dispensários) continuam a ter um «papel fundamental» na prevenção da enfermidade; e, através da ANT, também foi possível criar Sanatórios e Dispensários que cobriram todo o País.

Na principal mensagem que, recentemente, a ANT transmitiu à população, salienta que «a tuberculose é efectivamente, um problema grave em Portugal» — e deve ser combatida. Uma das «armas» possíveis: o Programa Nacional de Luta Contra a Tuberculose, em vigor desde 15 de Março de 1995; mas, disse um responsável da ANT, além duma maior

sensibilização dos cidadãos para a doença, a mensagem «não passou à prática, ficando-se pela teoria!».

PARTILHA — Assinante 62942, do Porto, «modesta contribuição, como de costume sem agradecimentos nem referências especiais n' O GAIATO (...) e Deus me aceite como ínfima penitência, para o que tanto necessito...» Cumprimos! Cem dólares, canadinos, da assinante 32217, Macieira (Troviscal): «Pequena quantia da assinante 66164 para ajudar os mais carenciados. Por favor, agradeço anonimato». Voltamos a cumprir. Dez mil, da assinante 32925, da Guarda, «oferta por intenções particulares». Idem, da assinante 20886, Espinho, «para as vossas despesas com os mais Pobres, minha contribuição referente ao primeiro semestre de 1999».

A remessa habitual da assinante 31104, de Lisboa: «A minha falta de saúde tem sido o único impedimento a eu escrever. Nunca o esquecimento daqueles que sofrem e precisam, que são nossos irmãos e devemos ajudar». O Senhor ouviu a sua prece.

Vinte mil, de V. N. de Foz Côa, «em cumprimento de promessa duma Anónima». Dois mil, expedidos de Lisboa (consequimos ler o carimbo dos CTT), sem mais quê. Deus sabe. Cinco mil, da assinante 31323, do Barreiro. Assinante 19148, do Porto: «Em memória do venerável Padre Américo, na comemoração da sua partida para o Céu, e pedindo a sua intercessão junto do Pai pela nossa conversão, junto uma pequenina ajuda para a deficitária farmácia da Conferência». Presença oportuna! Lisboa, casal-assinante 31323: «Tendo Deus concedido a intensa Graça de celebrarmos, há dias, as nossas Bodas de Ouro — com saúde e grande

alegria — junto dos nossos filhos e netos, não podemos esquecer os mais Pobres, nesta data feliz. Enviamos um cheque com um donativo para um ou mais casais de idosos, carenciados, procurando, assim, minorar as suas necessidades. As mais afectuosas saudações», que retribuimos com os nossos parabéns.

Quinze mil, da assinante 7769, para «a viúva mencionada» nesta local. Dez mil, do assinante 31168, de Miramar, para a doente que também referimos. Mais sete mil, de Maria Luísa, de Alenquer. E trinta mil, da assinante 30830, de Carvalhais (S. Pedro do Sul).

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos em tempo de férias. Férias para uns, mas outros não gozam desse privilégio, por falta de emprego, ou porque a saúde não permite, entevados numa cama nem têm quem vá por eles.

Uma parte faz férias de tudo. Será que os Pobres não têm direito a comer, a vestir-se, etc? Por nossa parte, trabalhamos para que aos nossos amigos, mesmo em tempo de repouso, não falte o necessário. Sabemos que o homem tem como destino o encontro com Deus. Sabemos também que ao visitarmos os nossos, ao falar com eles, ao acarinhá-los, estamos a fazê-lo ao Pai que está no Céu. Para nós é a única maneira de demonstrarmos o nosso amor a Deus.

Fomos, mais uma vez, por aí, ver como eles estão. Estivemos com aquela senhora da hemodiálise, contente porque os filhos já trabalham. O casal idoso continua com os seus problemas. O neto que se ofereceu para o serviço militar, resolveu fugir da tropa. Já lá tinha ido a guarda a casa. O companheiro da filha, ia trabalhar para Angola. A neta, mais velhinha, continua a estudar. Conforme podemos, vamos ajudando.

Não falámos do problema da luz, por isso não sabemos se já está paga, ou se foram cortá-la. Logo que pudermos, iremos vê-los.

A viúva continua sem trabalho por falta de saúde. Mas vai olhando pelo filho deficiente que está com óptimo aspecto. Esta mãe tem uma grande cruz às costas. O Senhor a ajude.

Alguém escreveu: «Devemos considerar todo o Pobre e todo o Doente que venha até nós como um ser sagrado em que vive Jesus». Estes, não vêm até nós, somos nós que



As últimas férias do milénio — para os «Batatinhas».

vamos até eles. Mas temos a certeza que neles está Jesus.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — João Silva, 2.500\$00. Assinante 6313, cinquenta mil. Assinante 17991, vinte e cinco mil. Maria Marques, vale de vinte mil. Assinante 4389, dez mil. Francelina, idem. Amiga, de Fiães, quinze mil. Maria Dolores, dois mil. Assinante 11856, dez mil. Uma Maria, igual. J. R. D. dois mil.

Agradecemos as palavras amigas que nos escreveram e Deus vos ajude.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — No dia 27 de Junho tínhamos anunciado, para Miranda do Corvo, mais um Encontro Anual que cumprimos e correu com a participação de colegas e suas famílias, ou só com as suas namoradas nalguns casos.

Reunimos em Assembleia e apenas aprovámos o aumento da quota para mil escudos, ficando o restante da ordem de trabalhos para outra oportunidade.

Depois, foi a celebração eucarística e o almoço com a colaboração de algumas mulheres dos nossos colegas.

Depois, funcionou o bar, a hola, a piscina, seguindo-se a merenda bem preparada. Não ficaram sobras! Uma verdadeira confraternização. O habitual sorteio foi divertido e rendeu uns patacos para a organização, de que se encarregou o Fraga, assim como a distribuição de halões e outros artigos da McDonald's, de Coimbra, a quem ficámos gratos. O almoço teve a habitual boa vontade dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra. Empréstamos os tabuleiros individuais, que muito jeito fizeram, a quem igualmente estamos agradecidos na pessoa do seu responsável.

Tivemos presenças de Viana do Castelo a Lisboa, abrangendo toda a zona interior e registámos, com agrado, da Capital, dez colegas com suas famílias. Foi bom!

Agradecemos ao nosso Padre João que facultou tudo, na cozinha e não só...

Manuel S. Machado

PAÇO DE SOUSA

AVES — Aceitam-se galinhas, patos, gansos, etc. Os gaiatos gostam muito da bicharada!

ENCONTRO DOS ANTIGOS GAIATOS — No domingo, 18 de Julho, recebemos muitos deles e os seus familiares. O nosso coro brilhou na celebração da santa Missa, com o Tavares à viola, o Quintino e o Almeida à flauta.

MÚSICA — Terminaram as aulas na Casa Ruvina, do Porto, para dois rapazes.

Agradecemos à gerência da referida empresa que, durante o ano, lhes deu gratuitamente formação musical, pela professora Isabel Soares.

Também nos ofereceram uma viola, cassetes e harmónicas, mas temos ainda falta de violas e outros instrumentos.

CARAS NOVAS — Fazem parte da nossa família. Temos, agora, mais três: o Miguel, de dois anos; o Raúl, de nove; e o seu irmão, Henrique, de onze anos. Estão a gostar da Casa.

«Melão»

FÉRIAS — O primeiro grupo regressou da praia de Azurara. Agora, foi o segundo. É a vez de outros brincarem no areal.

PASSEIO — Tivemos um passeio, em 16 de Julho, comemorando a ida de Pai Américo para o Céu.

Fomos a Paços de Ferreira tomar banho no rio. A senhora Esmeralda arranhou tudo para a nossa refeição.

CHEGADA — O nosso Padre Telmo já chegou a Paço de Sousa.

Está aqui, connosco, descansando de um ano de intenso trabalho na Casa do Gaiato de Malanje.

Foi acolhido, no refeitório, com uma grande salva de palmas.

Filipe Pires

AZURARA

ÚLTIMAS FÉRIAS DO MILÉNIO — Em Azurara estamos habituados ao vento. A dança das portas faz parte do nosso ritual estivo. Mais importante, porém, do que isso, é o mar e as ondas, os bonecos desenhados, os navios, os castelos, os buracos na areia, a felicidade e a gritaria a ver quem melhor sabe furar as ondas, chegar mais à frente, ou trazer mais caranguejos das rochas ou encher os baldes de conchas e de pulgas do mar.

Os olhos dos reponsáveis são como bugalhos a vigiar mais de trinta caras pequenas, a ver quem está mais longe ou mais perto. As bolas saltam pelo ar e perdem-se no mar, ninguém vai atrás delas, o mar puxa-as e ficam a vê-las ondular.

Se faz frio, há ginástica e corridas, saltar à corda e raquetes. Vamos para casa jogar nos sacos, já esvaziados de couves (ninguém pode cair) e toca a brincar.

Na última semana tivemos a surpresa da chegada do Jacinto Miguel, de dois anos, à nossa família, acompanhado do irmão mais velho, da casa IV. Trouxeram alegria ao grupo que estava connosco.

Chegou a despedida. Algumas maroteiras, algumas canções e danças e músicas misturadas. Isto é o primeiro turno da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Pai Américo está presente. Estamos cansados das férias...? P'ró ano haverá mais, se Deus quiser.

Equipa responsável

UMA CARTA — Foi há um ano, em Junho de 1998. Assim, de repente, nem eu sei bem como. Só sei que actuou em mim a força do Espírito Santo.

Porém, se muitas vezes esperamos que os problemas se resolvam para nos darmos, então nunca mais...

A Casa do Gaiato sempre esteve no meu coração, desde muito nova. Podia contar algumas curiosidades sobre isso, mas agora não interessa.

Estava a chegar o Verão e vinham as férias escolares do meu filho. Falei com ele e escrevi uma carta ao Padre Carlos, para Paço de Sousa.

No dia em que chegava, recebo em casa, pelo correio, o livro *Padre Américo — místico do nosso tempo*. Coincidência?! Abri. Devo ter lido duas páginas e era o chamamento total.

RETALHOS DE VIDA

«Botija»



Sou o Vitor Manuel Gano Rodrigues, conhecido aqui por «Botija».

Nasci em 27 de Julho de 1987, na freguesia de

Ligares, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

Vim para a Casa do Gaiato em 8 de Setembro de 1994. Tenho, agora, doze anos. E cinco irmãos vivos.

Como já disse, nasci e vivi em Trás-os-Montes. A minha casa era à beira de um Colégio. E o meu pai, um pastor. A minha mãe já faleceu.

Eu tive, por lá, problemas... E dei trabalho a pessoas que me queriam bem...

Ando na Escola Primária. Nos tempos livres ajudo na horta. Vejo crescer a hortaliça que a gente come à mesa. E tudo isto é muito saboroso!

Quando for grande gostaria de ser cozinheiro.

Vitor Rodrigues («Botija»)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Agora é que vai?

Esperamos que sim...

HÁ já muitos anos que aquele conjunto de edifícios começou a ser construído. Edifícios grandes em superfície e de muitos pisos. Alguns chegaram ao telhado; outros ficaram lá perto; e outros ainda limitaram-se a ficar a meia altura. Ficaram todos por acabar e longe disso: nem telhado nem portas nem janelas nem luz nem água. Só paredes nuas com tijolo à vista e o cimento por alisar.

Com a vinda, em avalanche humana, do que era Portugal em África, os edifícios abandonados foram totalmente ocupados. Chapas de ferro velho e latas, plásticos e cartões, farrapos e tudo aquilo que encontraram serviu para tapar as aberturas maiores. A linha eléctrica pública foi utilizada para ligar a ela fios

que, à vista, dão aspecto de teias de aranha. A água cada um procura-a como pode. E assim têm vivido, se isto é viver, em autênticos amontoados humanos.

Muitos procuraram trabalho e, assim, vão governando a família. Bastantes outros dedicam-se ao negócio das miudezas e à vida de droga e vão matando o tempo, à procura de clientes ou por ali perto sentados em grupo. Algumas mulheres e raparigas puseram o seu corpo à venda para ganharem o pão para si e para os seus. Todo o aspecto exterior, à volta, é de abandono e sujidade. Tudo que já não serve para nada é atirado à rua. Sempre que por ali passamos, fica-nos a dor e amargura do viver daqueles que são nossos irmãos, com os mesmos direitos à vida.

HÁ tempos, os jornais publicaram a notícia de que agora ia ser resolvido aquele grande e abandonado problema. Primeiro, seriam construídas habitações para todos os moradores e, com estes já alojados, no sítio

dos velhos e arruinados blocos, serão construídos edifícios para habitação dos ocupantes de todas as barracas que rodeiam aquele ambiente, e são muitas.

Na nossa última visita, ali, alegrámo-nos ao ver

nascer da terra muitos blocos em cimento e informaram-nos que se destinavam para habitação dos que têm ocupado as casas que nunca tiveram condições de habitabilidade.

Máquinas a desventrar a terra e a amontoá-la e outras a mudá-la. Gruas e betoneiras em movimento. Operários a mexer-se no telhado. Outros, ocupados nos seus instrumentos especializados. Camiões e *dumpers* a transportar materiais. Muitos edifícios a chegar ao último piso. Tudo nos deixou alegria e esperança.

Será agora?... Esperamos que sim.

Regressámos com esperança na promessa dos nossos governantes, nas notícias publicadas e naquilo que já vimos em movimento. Embora tenhamos ficado com a impressão do peso da construção fria e parco humana dos novos blocos, ficou-nos a esperança da futura solução daquele conjunto sem nenhuma condições habitacionais, que há tantos anos tem marcado a nossa sensibilidade.

Padre Horácio



Ao longe, avistam-se os arruinados edifícios ainda ocupados. À frente, uma máquina desventra a terra para a construção de novas habitações.

Agarrei no telefone e falei com o Padre Carlos. Lembrou-me duma pergunta: — *Mas a senhora conhece minimamente as nossas Casas?* Eu respondi: — Minimamente, parece-me que sim...

Pois bem. No preciso dia da Festa do Coração de Jesus (19/6/98) combinámos: Eu iria para Azurara e o meu filho ficaria em Paço de Sousa.

Esperava-me a Preciosa e fui extremamente bem acolhida. Os pequeninos encantaram-me!

Posso dizer que tive medo, não por mim, mas pelo meu filho. Passou um ano. Não se podem explicar experiências como estas. Sei que ganhei muitos amigos e o meu filho nem se fala! Pela Páscoa, fomos padrinhos de Baptismo do André Filipe, de sete anos. Quereis maior notícia? A alegria e o orgulho não têm aqui medida, e a responsabilidade também não. É orgulhosamente assumida.

Maria Fernanda

A meio da tarde assistimos a um espectáculo organizado pelos que se encontram de férias e, depois, enquanto se esperava pela merenda, deram-se uns bons mergulhos na piscina. Foi um dia bem passado!

Arnaldo Santos

MIRANDA DO CORVO

PRAIA — Já começaram os turnos da praia. O primeiro já partiu, mas brevemente irá o segundo.

Na praia, a malta está contente porque é outro tipo de ambiente, onde podem brincar com mais frequência, descansar, passear e estar à beira-mar.

Nas férias não devemos esquecer os estudos. Convém rever as matérias do ano passado e preparar o próximo ano.

AGRICULTURA — As batatas começaram a ser apanhadas. Tivemos uma boa colheita. A cebola será brevemente. O feijão verde continua a ser bem regado e sachado, enquanto o feijão mocho está a ser colhido.

O milho está bonito porque todos os dias é regado e andámos a arrancar as ervas que impediam o seu desenvolvimento.

JARDINS — A nossa Casa está cada vez mais bela devido às obras que a restauraram e pelos jardins, também.

Estão bonitos! Foi criado um sistema de rega que facilita o trabalho dos rapazes e é mais eficaz. Com este tempo convém regar bem as flores.

Domingos

TOJAL

FÉRIAS — O primeiro grupo já regressou. Tiveram umas boas férias e gozaram bem os dias de praia que tiveram. Esperamos que o segundo também o possa fazer.

CAMPO — O feno e a batata foram apanhados e armazenados. Agora, só falta o tomate que virá com o seu tempo.

16 DE JULHO — Como é habitual, neste dia, a comunidade reúne-se toda com os amigos na nossa casa de férias.

Celebrámos a Eucaristia e seguiu-se o almoço.

TRIBUNA DE COIMBRA

Ele tem por paixão o gado

O R.P. costuma ir à carne à sexta-feira, que Amigo nosso continua a repartir connosco, mesmo lá do Céu.

Nesta, muito contente, veio ter comigo dizer que a dose — dádiva — dobrara. E, com ênfase, ajeitou o «ramalhetes»: — *Até veio uma carrinha que me trouxe a mim e à carne...*

— Tudo bem! — disse — enquanto o rapaz, de contente, voltou à sua obrigação do gado.

Ontem, de manhã, enquanto F. andava a fazer a limpeza na camarata de R.P., ficou surpreendido quando, ao tentar arrear a mesinha de cabeceira do dito R.P., deparou com um volume fora do vulgar. Rapaz curioso, como é o F., nem o chefe convocou. Ele mesmo desfez o volume: um saco de chouriços! Nada menos que uns vinte. Uma pequena (?) «salgadeira»! Chamado a *tribunal* R.P., acusado pela risota dos companheiros, tudo confirmou sem a menor dificuldade.

São momentos da nossa vida em que a seriedade dos factos se combina graciosamente com as ilações variadas que deles dimanam, em termos educativos: «*A rir se corrigem costumes*».

Já agora, R.P. é um dos muitos que temos com os quinze anos feitos ou por perto. Idades que exigem muita atenção. Este ano, R.P. esteve matriculado no quinto da C+S, pela primeira vez, mas em vão. Não conseguiu vencer o ano. No próximo, irá para o Ensino Recorrente. Ao longo do tempo fui, várias vezes, à Escola por causa do seu fraco aproveitamento.

A sua paixão é o gado: as vacas e as porcas com o conhecimento empírico dos seus ciclos reprodutivos;

os patos, as galinhas, os garnisés e os periquitos são o seu mundo! Tem dias que não chega à mesa, a boras. Já sei: está de volta da sua pata que está a chocar uma ninhada. É capaz de passar uma noite velando uma porca recém-parida!

Esta é a realidade. Este é o rapaz que temos. Depois, há escola. Melhor dito: seria primeiro há escola. Mas não. Ambos estão desencontrados, por motivos que exclusivamente classificamos mas sem solução à vista. Tivéssemos nós um País com uma política agrícola mais protegida e talvez o R.P. ainda encontrasse um lugar onde se sentisse útil... Mas não. Queira Deus que ele não embarque no sonho da galinha dos ovos de ouro... Entretanto, tomarei mil cuidados com a história dos chouriços, que grande é o gosto pela pecuária... A educação tem coisas!

Padre João

Dies natalis

Continuação da página 1

maneira de ser, determinada e profética. Fomos criados pela sua humildade e paternidade espiritual — como tantos outros. Por isso, quando pegamos na caneta para recordar algumas facetas desses anos tão ricos, precisamos de a segurar! O GAIATO é pequenino...

No dia 16, logo de manhã, celebrámos, na

Capela da nossa Aldeia, a Eucaristia em memória de Nossa Senhora do Carmo, lembrando a entrada de Pai Américo no Reino dos Céus. E, durante o dia, a comunidade foi hóspede duma quinta, no Vale do Sousa, onde todos almoçaram e passaram alegre e fraternalmente o resto do tempo.

Júlio Mendes

PENSAMENTO

Estamos no tempo de bradar aos Céus a opressão dos Pobres e das Viúvas.

PAI AMÉRICO

Lançamento da 4.^a edição do terceiro volume do livro «Pão dos Pobres»



PAI Américo tinha gosto por esta obra que compreende quatro volumes, alguns já em quinta edição. Foi a primeira que saiu das suas mãos.

«Tira as sandálias dos pés que é santo o lugar que pisa» (dos Livros santos), avisa nas primeiras páginas com eloquência, porque a caneta escrevia com «o sangue dos Pobres», disse algures, definindo a seu modo diários ao vivo captados nas montureiras de Coimbra.

Ao longo dos últimos dez anos foram muitos os Leitores que, devorando o espólio de Pai Américo, pediam com insistência o volume ora reeditado, e não referimos já o interesse específico dos colecionadores.

A quarta edição do terceiro volume do «Pão dos Pobres» está à disposição dos nossos Amigos, assinantes d'O GAIATO ou da Editorial. No entanto, foi pena a nossa desorganização organizada não haver tomado nota de quantos choraram pela sua falta!

Damos a palavra a Pai Américo que testemunha, profeticamente, quanto o Senhor lhe ditou:

«O livro 'Pão dos Pobres' é um arranjo das notas semanais que apareceram em o 'Correio de Coimbra' desde o ano de 1932; primeiramente sob o título 'Sopa dos Pobres' e, agora, 'Obra da Rua'.

É um livro de ditado. O nome que se vê no lugar do autor, é única e simplesmente o do humilde ouvinte das queixas do Pobre, que escreve dentro da mansarda o que eles ditam, a pedir pão. Por isso mesmo tu choras ao ler, como eu também choro ao ouvir.

Lágrimas vivas, vertidas por Irmãos nossos, não pode o primeiro volume da obra, nem os mais, ser destinado ao

público, mas sim colocado em mãos de visitantes do Pobre, que conhecem as notas do sofrimento e sabem tocá-las com amor. Não será um livro exposto, mas sim procurado.

Se, porém, o encontro ou a palavra fortuita vierem a colocar o 'Pão dos Pobres' em mãos curiosas de alguém, que esse, quem quer que seja, não passe adiante sem abrir e ler. Não vão gozar os sentidos, antes vai padecer a alma, ao saber quanto no mundo sofrem imerecidamente os Pobres — nossos Irmãos!

A queixa deles, amarga e justa, vai soprar as cinzas do teu coração, como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca destes fé por causa da poeira: o teu coração!»

Temos o livro às vossas ordens.

Podem fazer a encomenda por carta, por telefone, por fax, por mão própria.

O «Pão dos Pobres» é uma jóia de Pai Américo!

Júlio Mendes

ENCONTROS em Lisboa

Experiência de um Deus que confia nos homens

PERANTE a multidão que seguia Jesus, tentando encontrar na Sua palavra o alimento para todas as suas fomes e sedes, é estimulante o desafio lançado aos Seus discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer».

Como no tempo de Jesus em que se esperava um Messias, ora guerreiro, ora super-homem, ora todo-poderoso e onipotente, também hoje, o caminho do encontro com Deus aparece numa procura de muitos super-heróis que resolveriam os nossos problemas de

uma só penada, quer com o sopro de seus lábios, o som da sua voz ou um simples gesto de levantar ou baixar os braços, também com sons melodiosos de canções mais ou menos na moda. No entanto, o mais problemático é aceitar o desafio do «dai-lhes vós mesmos de comer».

Em toda a história da Salvação aquilo que mais me tem encantado é a experiência de um Deus que confia nos homens e os torna seus colaboradores. A todo o momento os chama, quer como seus companheiros, quer

como seus intermediários, quer como seus representantes. Há expressões que aparecem com alguma regularidade: «vem», «vai», «ide», «fazei», «se quiseres», «eis que te envio». O nosso coração e todo o nosso ser deveria ficar enternecido diante de tanto carinho que Ele nos tem e também enaltecido por tanta confiança. Há dias, vi um brilho que não se descreve nos olhos de um miúdo a quem acabava de confiar determinada tarefa. Perguntou-me: — Acha que sou mesmo capaz? Respondi-lhe afirmativamente e os seus olhos brilharam ainda mais, partindo de imediato. Era este o brilho e a alegria confiante que deveria existir nos olhos, como espelho do coração, no rosto dos cristãos. Deus confiou em nós.

O envolvente desta passagem do Evangelho é interessante. Existe uma multidão com fome e com sede. O local é deserto. O olhar de Jesus não se fica nas aparências para fugir ou se lamentar, mas penetra profundamente na alma de toda aquela gente, ama cada um: teve piedade porque eram como ovelhas sem pastor. Daí a preocupação de encontrar solução e é na procura dessa solução que surge o desafio: «Dai-lhes vós mesmos de comer».

Creio que, hoje, diante de tantas fomes e sedes do nosso mundo, falta este olhar penetrante capaz de ir ao fundo das coisas e ver que existem pessoas de carne e osso à espera que alguém as ame. Estou certo que, quando amamos, encontramos sempre uma solução e nós tornamo-nos colaboradores.

Padre Manuel Cristóvão

África

Continuação da página 1

mente a curar feridas, a evitar que elas alastrem, a aliviar dores, a confortar quanto possível os que as padecem. Mas Mestra que também é (justamente porque Mãe!), não pode deixar de ensinar ao Povo (de quem tem tanto a aprender!), que o sentido revelado da conformação é essencialmente activo e oposto a qualquer ideia de conformismo.

Conformação exige uma referência e essa é Jesus Cristo. É a procura por cada um, com o

empenhamento de toda a sua alma, da forma d'Ele — do Cristo Sofredor, aqui e agora; do Cristo Glorioso para sempre — para se revestir dela.

Jesus é o Modelo do incomformista. Porque o é, crítico absoluto e perene do homem instalado no orgulho, na riqueza, no poder, é que foi crucificado e tem continuado e continuará a sê-lo na pessoa de discípulos Seus, conformados a Ele, formados segundo Ele.

Mãe e Mestra que é, a Igreja de Jesus Cristo pode adormecer os filhos no Seu regaço em hora de cansaço e de dor. Mas não vai deixar de os acordar, amanhã, e lhes dar força para que tomem em suas mãos a vida que lhes pertence viver.

Padre Carlos

DOCTRINA

Assim se furtam homens ao banco dos réus!



TINHA perdido de vista o Luciano, um adorável garoto de Coimbra, órfão de pais, a viver com sua avó e esta há pouco falecida. Soubera eu de alguns furtos praticados por ele: Um de trezentos escudos e outros de menor monta. Indaguei o seu paradeiro e fui topá-lo na «Casa do Inferno», conhecido antro de vadiagem, aninhado num recanto com dois matulões de Vila Nova de Gaia. O nosso garoto é sumamente simpático e inteligente, qualidades perigosas em gente assim. Começámos a falar. Recordámos os dias felizes das nossas Colónias de campo onde ele era vedeta. Disse-lhe que o Leonel, da Casa do Gaiato, tinha vindo naquele dia a Coimbra aviar recados e que regressava a Miranda do Corvo no comboio das seis. — Queres tu ir mais ele, Luciano?

HÁ um breve trocar de vistas com os dois matulões, uma leve hesitação e um sim final. Marcou-se a hora de comparecer e eu retirei-me a tremer e a rezar; mais a rezar do que a tremer. Oh, sim! Se tu soubesses como é difícil conquistar pequeninos à doce vadiagem; como é necessário cair muitas vezes no chão para que eles se levantem e venham até nós pelo seu próprio pé! À hora marcada chegou o pequeno ladrão e seguiu para a Casa do Gaiato, hoje sua. Assim se furtam homens ao banco dos réus!

NO domingo passado foi a vez dos senhores de Vidago que me deram 6.250\$00 em troca de palavras de Vida eterna. Oxalá eles as tenham tomado com o espírito do Pescador e vejam nelas o único refúgio da Vida! Nas Pedras Salgadas não entrei a deixar a Paz, que a gerência fechou-me as portas por amor dos seus queridos hóspedes. Sacudi a poeira dos sapatos às portas da fortaleza e retirei-me para o casino da Póvoa de Varzim coberto da glória do Evangelho.

NÃO comentes nem peças o fogo de Sodoma como fizeram outrora os discípulos, nesciamente, por idênticas razões; não. Antes, alegra-te comigo por causa da sigla divina nesta Obra de amor. Oh, se tu soubesses como é lindo ver deste mirante de angústias, em vez de uma vida que maça, uma Obra que fica! Deixa os mortos que mesmo com os seus perfumes e até por causa deles, cheiram mal.

D. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.^a vol. — Campanha de 1943 a 1944)